

O TRATAMENTO DA LEXICULTURA NOS DICIONÁRIOS BILÍNGÜES FRANCÊS-PORTUGUÊS

Maria Cristina Parreira da SILVA (UNESP)*

RESUMO: O léxico encerra os conhecimentos e valores gerais de uma comunidade refletindo sua ideologia; é a herança cultural que não corresponde àquela de outra comunidade lingüística. Para Galisson e Puren (1999) **lexicultura** é a cultura (implícita), latente nas ou sob as palavras, que convém atualizar, explicitar e interpretar (tradução nossa) – aspecto geralmente negligenciado nos dicionários. A descrição contrastiva do léxico de dois idiomas para elaborar um dicionário bilíngüe (DB) deve apontar as distinções entre suas culturas para auxiliar os aprendizes em seu percurso pedagógico. A análise da macroestrutura e microestrutura dos DBs Francês-Português deve fornecer dados relevantes sobre a lexicultura.

RÉSUMÉ: Le lexique engendre les connaissances générales et les valeurs d'une communauté en témoignant son idéologie. C'est l'héritage culturel qui ne correspond pas à celui d'une autre communauté linguistique. Selon Galisson et Puren (1999), **lexiculture** est "la culture (implicite), en suspens dans ou sous les mots, qu'il convient de mettre au jour, d'explicitier et d'interpréter" – un aspect généralement négligée dans les dictionnaires. La description contrastive du lexique de deux langues pour un dictionnaire bilingue doit montrer les distinctions entre ses cultures. L'analyse de la macrostructure et microstructure des DBs français-portugais peut apporter des données importantes sur la lexiculture.

1. Introdução

Este trabalho insere-se no contexto de uma pesquisa que visa o levantamento e análise das características que teriam os dicionários bilíngües pedagógicos (DBP), ou seja, aqueles dicionários que seriam mais adequados como ferramentas de auxílio ao ensino de uma língua estrangeira (LE).

É sabido entre lingüistas e lexicógrafos que as categorias de palavras não se definem somente por condições necessárias e suficientes – são sensíveis à cultura e à experiência; não são estabelecidas *a priori*. Os nomes não são etiquetas das coisas. No processo discursivo, o indivíduo falante constrói o mundo e a língua, numa interação contínua com o outro. A compreensão entre pessoas de uma mesma comunidade lingüística é sempre negociada. Entre falantes de línguas estrangeiras a compreensão não depende apenas da decodificação lingüística, mas também de aspectos extralingüísticos.

A cultura é edificada e adquirida na interação social dos membros de uma comunidade lingüística. Não é uma matéria que pode ser formalmente ensinada e aprendida na escola. Contudo, no caso dos aprendizes de uma LE, não se deve perder de vista que grande parte não tem condições de 'aprender'/'apreender' dados culturais naturalmente pela convivência com o estrangeiro. Isso ocorre até mesmo os professores de LE, que em muitos casos podem ter deficiências nesse quesito. Assim, faz-se necessário que algumas informações sejam contempladas nos livros didáticos e nos dicionários.

A cultura, por outro lado, é um aspecto que nem sempre é tratado nos dicionários, pelo menos explicitamente e de forma metódica. Quando se faz uma descrição contrastiva do léxico de duas línguas distintas para elaborar um dicionário bilíngüe (DB), é necessário mostrar as distinções relevantes entre as duas culturas para auxiliar os aprendizes em seu percurso na aprendizagem do léxico. Desse modo, delineia-se nosso principal interesse que é buscar uma intersecção entre a lexicografia e a aprendizagem de língua estrangeira.

2. Concepção do professor e do lexicógrafo sobre língua e linguagem

Ao tratar das concepções adotadas pelo professor e pelo lexicógrafo, principalmente quando se questiona a relevância da inserção de aspectos culturais dentro da sala de aula e no dicionário, é importante saber qual a concepção de língua e linguagem é adotada. Nesse caso, em uma discussão sobre uma concepção de língua em um contexto de ensino da língua materna, Bagno (2002, p. 23-4) sugere que a língua deve ser observada sob uma ótica mais concreta e dinâmica, a dos falantes da língua, e isso significa

* parreira@ibilce.unesp.br

“olhar para a língua dentro da realidade histórica, cultural, social em que ela se encontra, isto é, em que se encontram os *seres humanos* que a falam e escrevem. Significa considerar a língua como uma atividade social, como um trabalho empreendido conjuntamente pelos falantes toda vez que se põem a interagir verbalmente, seja por meio da fala, seja por meio da escrita. Por estar sujeita às circunstâncias do momento, às instabilidades psicológicas, às flutuações do sentido, a língua em grande medida é opaca, não é transparente. Isso faz da prática da interpretação uma atividade fundamental da vida humana, da interação social.”

Antes de observar o domínio específico de seu trabalho, os dois profissionais devem (re)pensar sobre o que entendem por língua e linguagem. Tomando a citação acima de Bagno, se a língua for considerada sob esse aspecto, a abordagem ou do professor ou do lexicógrafo deve ser bem diferente ao tratar de duas línguas em contato. Para o professor, isso culmina na dinamicidade de suas aulas e para o lexicógrafo, justifica a necessidade de produção e de revisão de dicionários com maior frequência.

3. Léxico, cultura e lexicultura

Numa definição bastante abrangente e comum do léxico, é entendido como conjunto das unidades lexicais que encerra os conhecimentos gerais de uma comunidade e seus valores, refletindo sua ideologia. Trata-se de uma herança cultural que se transforma de uma época para outra e que não corresponde àquela de outra comunidade lingüística. O léxico que será organizado em dicionário deve ser descrito de modo especial, pois, apesar de descontextualizado nessa obra, não se trata de um conjunto de unidades significativas que sobrevivem desvinculadas de um contexto. O significado se constitui em contextos. Assim, o nível pragmático tem um papel muito importante na descrição. Se tomarmos os exemplos:

- *J'achète deux Vache qui rit* / Comprei dois **Polenguinhos**.
- *La Flandre, le plat pays qui a du relief* / O aventureiro percorreu 2000 km em caiaque pelo **Velho Chico**.

sua compreensão não se daria de forma precisa por um estrangeiro que escutasse pela primeira vez esse tipo de frase. Seria preciso explicar não só por seu gênero próximo [queijo / região / rio], mas incluindo informações mais específicas, sempre úteis e necessárias, que se encaixariam dentro do conceito de cultura.

A unidade lexical “cultura” tem sua origem em *cultivar* (sentido mais denotativo), passa pela cultura enquanto estado de língua e chega à cultura enquanto atitude do falante, seus hábitos, costumes e subentendidos e à cultura enquanto visão do mundo. Neste caso, segundo Lyons (1987), cultura deve ser entendida não no sentido clássico – de pessoa culta, mas no sentido antropológico. Assim, o termo ‘cultura’ “é empregado sem nenhuma implicação de progresso humano uniforme do barbarismo à civilização e sem nenhum julgamento de valor *a priori* quanto à qualidade estética ou intelectual da arte, literatura, das instituições etc., de determinada sociedade.” (LYONS, 1987, p. 274).

Galisson (1997-1) afirma que por “lexicultura” é preciso entender a cultura veiculada e atualizada nas palavras e unidades lexicais dos discursos cujo objetivo não é o estudo da cultura por si mesma. Em outra obra posterior, juntamente com um lingüista que focaliza o ensino-aprendizagem de línguas, Galisson e Puren (1999) definem lexicultura como “a cultura (implícita), latente nas ou sob as palavras, que convém atualizar, explicitar e interpretar” (tradução nossa).

Segundo Guillém Díaz (2003), a *lexicultura* nos remete a um léxico determinado, a um conjunto de palavras e unidades lexicalizadas com um valor implícito que corresponde à dimensão pragmática das palavras. Esse valor se constitui e se estabelece pelo uso dos signos em uma situação, um contexto. Também serve de marca, de identidade como pertencente a uma dada cultura. Em outras palavras: lexicultura é a relação entre léxico e cultura, pois não há como desvincular léxico de cultura.

4. Tratamento de questões culturais no DB

Nesse contexto surge a questão de qual é ou deveria ser o conteúdo de um DB. Segundo Galisson (1997-1), o dicionário seria a ferramenta intermediária apropriada para tratar da lexicultura, possibilitando o acesso a uma imagem da cultura do outro. Imagem essa que não deve ser imposta a ponto de apagar a própria imagem do sujeito, aculturando-o, mas que deve servir para fazê-lo reconhecer as diferenças e aprender a lidar com elas.

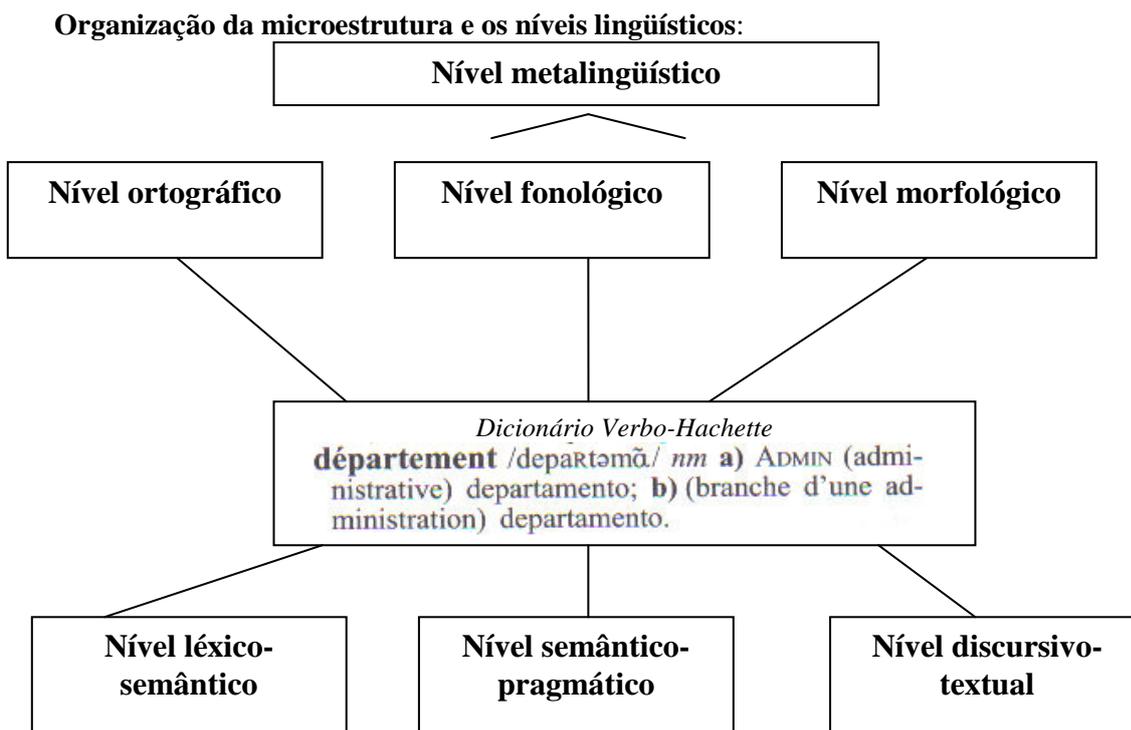
Sabe-se quão complexa é a busca de equivalência entre elementos lexicais de duas línguas distintas. Assim, no ato de relacionar duas línguas, surge a questão das distinções socioculturais, que um DB pode e deve contemplar. É claro que há setores da língua de que os dicionários existentes não dão conta.

Seria extremo dizer que, considerando duas culturas diferentes, não há equivalência entre duas línguas. Do mesmo modo, se levarmos ao extremo a relevância do contexto, nem haveria palavras em dicionários. Mas certamente as particularidades do uso e mesmo dos referentes, que nunca são idênticos, levam a conceitos diferentes em algum aspecto. Como exemplo, quanto ao item ‘banana’ (no Brasil, na França, nos EUA, num país africano...) – questões como a safra, o preço, a forma, o gosto, os costumes familiares de consumo, os doces derivados etc., estariam no arcabouço cultural de cada falante e de cada povo criando uma rede de significações paralelas ao código lingüístico encerrado no dicionário. Expressões como ‘a preço de banana...’ podem não funcionar em todos esses países em que se consomem ‘bananas’, por não serem baratas em todo lugar.

Ao tratar da questão da constituição de uma teoria lexicográfica, Geeraerts (1985-1, p.34), por sua vez, afirma que

“não se pode restringir a análise da lexicografia aos fatores teóricos. A lexicografia não é em primeiro lugar um discurso estritamente científico, nem seu objeto um fenômeno lingüístico cujas considerações teóricas bastam para defini-lo. Enquanto objeto fático (no sentido de Jakobson), é um objeto sociocultural que tem uma finalidade funcional particular e que visa a um público específico; assim, o dicionário não apresenta uma descrição lingüística livre de qualquer preocupação pragmática e não-científica.” (tradução nossa)

Pelo fato de apresentar a língua no texto lexicográfico em uma situação estática, muitas vezes surgem muitas dificuldades de compreensão por parte dos consulentes. Surgem problemas tanto na macroestrutura (o plano vertical das unidades incluídas na obra) quanto na microestrutura (o plano horizontal das informações sobre cada palavra-entrada), devido ao tratamento discrepante do léxico na microestrutura com relação aos níveis lingüísticos.



É importante observar que na estrutura do dicionário encontramos todos os níveis lingüísticos contemplados, como representamos no quadro acima, em que ilustramos a relação dos níveis lingüísticos com os elementos da microestrutura de um DB. A primeira evidência é a de que a atividade lexicográfica é por si mesma metalingüística. Também é claro que cada parte da microestrutura recobre mais de um nível lingüístico ao mesmo tempo. Na entrada podemos observar imediatamente que há o nível ortográfico e o fonético. A transcrição fonética nem sempre é incluída em dicionários bilíngües, mas, em nossa opinião, é de suma importância para o bom uso pelos aprendizes que têm conhecimento dos símbolos do Alfabeto Fonético Internacional. Na indicação da classe gramatical e nas informações que apontem as flexões e derivações, por exemplo, temos o nível morfológico. Na definição e / ou equivalente, temos o nível léxico-semântico. Nas exemplificações, ilustrações, glosas, explicitações etc. temos os ‘outros’ níveis, o semântico-

pragmático ou discursivo-textual. Esses últimos níveis nem sempre são contemplados na maior parte dos verbetes de diferentes tipos de dicionários.

Podemos então afirmar, quando nos referimos à questão dos problemas da macroestrutura, que quando há a entrada de unidades típicas da cultura na nomenclatura, elas não podem receber o tratamento normal dado a qualquer unidade lexical em um DB, que é o uso de um sinônimo na LE. Deve-se recorrer ao uso de definições, explicitações ou glosas que serviriam para esclarecer os casos em que o sentido não pode ser explicado com um simples equivalente.

Convém ressaltar que as diferenças culturais não são evidentes apenas em palavras menos frequentes, na realidade, segundo REY (1986) essas diferenças manifestam-se praticamente em todas as palavras de alta frequência, polissêmicas, que possibilitam a produção fraseológica, criações que nunca coincidem de uma língua a outra. Já com relação aos domínios técnicos, quando os dois idiomas possuem um avanço semelhante, há uma maior coincidência de equivalência de termos, devido ao esforço de normalização internacional.

Ainda aproveitando o raciocínio de Rey (1986), pode-se afirmar que um dicionário que contemple toda a complexidade da descrição de dados culturais deveria ser concebido de modo que a cada parte (LE-LM ou LM-LE) houvesse uma preocupação em atender a um consulente específico, como por exemplo: na direção LE-LM para o falante de LE e para o falante de LM, assim, cada obra de duas partes seria elevada ao quadrado. É claro que para nós já seria bastante útil que mais dicionários bilíngües contemplem a variedade do português brasileiro no caso da equivalência com a língua francesa. Faz-se cada vez mais necessária a existência de obras bilíngües com uma nomenclatura mais extensa e mais adequada a nossos objetivos, sobretudo os de aprendizagem da língua francesa.

5. Amostra de unidades léxicas em DBs Francês-Português

Na tabela que apresentamos abaixo, buscamos demonstrar como elementos representativos da cultura francesa, no caso dois meios de transporte e um de comunicação, são tratados em diferentes DBs (identificados na tabela). Das seis obras verificadas, duas delas (das editoras Verbo e Hachette) são mais direcionadas a falantes da variante lusitana do português, o que de antemão poderia excluí-los considerando-os *a priori* inapropriados para os usuários brasileiros. Contudo, mesmo com algumas inadequações, principalmente em relação ao DB francês-português (apenas um volume em uma só direção) da Verbo, podemos afirmar que se trata de uma obra muito rica tanto na macroestrutura quanto na microestrutura, no tratamento das equivalências.

Com relação às siglas que representam dois meios de transporte e um de comunicação, respectivamente, TGV, RER e PCV, podemos avaliar que há lacunas em grande parte das obras. O minidicionário da Ática foi coerente por não incluir nenhuma das três siglas, já que sua nomenclatura é reduzida. O DB da Oficina de Textos só inclui a primeira das três unidades lexicais verificadas, assim como o DB da Verbo (1997), que acabamos de avaliar como um dicionário muito eficaz. É esse tipo de discrepância que deve ser evitado para não atribuir um julgamento negativo à obra por uma lacuna desse tipo. Por isso corroboramos novamente a citação de Geeraerts – o lexicógrafo não deve ficar preso somente às teorias e restrições, mas deve considerar a pragmática e seguir sua intuição para perceber essas lacunas.

Quando essas unidades estão incluídas na nomenclatura, os verbetes devem trazer informações que vão além do equivalente, pois quando isso não ocorre, o significado das unidades lexicais em questão se torna opaco. Note-se, por exemplo, que no DB Larousse, a definição de TGV e RER é muito semelhante, o que deve induzir a uma confusão. Quanto ao item PCV, nas três obras em que aparece está com explicações distintas quanto ao significado da sigla. Logo abaixo, na figura, lê-se a definição do *Trésor de la Langue Française*, disponível *on-line*.

Siglas usuais do cotidiano:

Dicionário	TGV	RER	PCV
Minidicionário francês-português português-francês / Ática, 1999	----	----	----
Dicionário Escolar francês-português português-francês / Michaelis, 2002	TGV [teʒve] <i>nm inv</i> abreviatura de train à grande vitesse , trem-bala francês.	RER [ɛʁɛʁ] <i>nm</i> sigla de Réseau Express Régional , trem que serve Paris e seus arredores.	PCV [pɛseve] <i>nm</i> abreviatura de paiement contre vérification , ligação telefônica a cobrar.
Dicionário Brasileiro francês-português e português-francês Oficina de Textos, 1998	T.G.V. (train à grande vitesse) <i>sm</i> trem-bala (da França).	----	----
Dicionário Escolar Verbo-Hachette português-francês francês-português Verbo, 2002	TGV [teʒve] <i>nm</i> (abrev = train à grande vitesse) TGV, comboio de alta velocidade	RER [ɛʁɛʁ] <i>nm</i> (abrev = réseau express régional) <i>rede suburbana do metro de Paris</i>	PCV [pɛseve] <i>nm</i> (abrev = paiement contre vérification) chamada a cobrar no destinatário
Dicionário Verbo Hachette francês-português Verbo, 1997	TGV [teʒve] <i>nm</i> (abr = train à grande vitesse) TGV, comboio Po / trem Bn de alta velocidade.	----	----
Dicionário Larousse Míni Francês/português e português/francês Larousse do Brasil, 2005	TGV <i>nm</i> trem francês de alta velocidade	RER <i>nm</i> rede parisiense de trens rápidos.	PCV <i>nm</i> : appeler en PCV fazer uma chamada a cobrar.

<http://atilf.atilf.fr/dendien/scripts/tlfiv4/showps.exe?p=combi.htm;java=no;>
 🚊 **Train à grande vitesse** (abrev. **TGV**). 🚊 Rame de ligne continue constituée d'éléments automoteurs électriques encadrant des voitures de voyageurs et les transportant à vitesse accélérée.
 🚊 **RER**, 🚊 réseau express régional.
 P.C.V., subst. masc. 📞 **TÉLÉPH.** Abrév. de **paiement contre vérification**; communication téléphonique acquittée par le destinataire avec son accord, à laquelle s'ajoute une taxe particulière. *Appeler, téléphoner en P.C.V.; un appel en P.C.V.*

6. Considerações finais

Com relação às unidades lexicais trabalhadas, em quase todos os DBs há informações relevantes em termos de lexicultura em algumas entradas. Mas ainda não há uma homogeneidade. Ao pensar na maneira mais adequada para dispor as informações culturais na microestrutura de um DB, deve-se ter sempre presente a necessidade de uma apresentação econômica, atendendo inclusive as restrições editoriais.

Tanto para o aprendiz de LE quanto para o professor, o conselho é usar, além das informações contidas nos manuais e métodos de ensino, os DBs, e por falta de melhores dicionários, a inclusão da *WEB* como ferramenta para aumentar o conhecimento da outra cultura, já que nem sempre isso é possível pela vivência/experiência no exterior.

Quanto à qualidade dos dicionários, deve-se sempre desconfiar daqueles que trazem equivalências sem nenhum exemplo de uso. Os DBs elaborados por equipes mistas tendem a facilitar essa correspondência mais clara considerando aspectos muitas vezes negligenciados. As glosas e especificações que apontem para o uso e que auxiliem a inter-compreensão são sempre úteis para a elaboração de DBs pedagógicos.

7. Bibliografia e Referências Bibliográficas

BAGNO, M.; GAGNÉ, G.; STUBBS, M. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.

FIQUEIREDO, E. O olhar do outro : representações sobre brasileiros e franceses. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, n. 7, p. 15-24, 1993.

GEERAERTS, D. Les données stéréotypiques, prototypiques et encyclopédiques dans le dictionnaire. **Cahiers de Lexicologie**, 40. Paris : Didier Érudition, 1985-1, p.27-43.

GALISSION, R. Une dictionnaire à géométrie variable au service de la lexiculture. **Cahiers de Lexicologie**, 70. Paris : Didier Érudition, 1997-1, p. 57-77.

Galisson R., et Puren C., (1999), **La formation en questions**. Col. Didactique des langues étrangères, dirigée par R. Galisson, Paris, CLE International. Acessado em 05/11/2006 - <http://www.kuleuven.ac.be/vlr/994galisson.htm>.

GUILLÉN DÍAZ, C. Une exploration du concept «lexiculture» au sein de la Didactique des Langues-Cultures. *Didáctica (Lengua y Literatura)*, 2003, vol. 15, p. 105-119. Acessado em 05/11/2006 : <http://www.ucm.es/BUCM/revistas/edu/11300531/articulos/DIDA0303110105A.PDF>.

KRAMSCH, C. La composante culturelle de la didactique des langues. **Le français dans le monde. Recherches et applications**. N. Spécial. Méthodes et Methodologies. Paris : Hachette, jan. 1995. p. 54-69.

LYONS, John. Linguagem e cultura. Capítulo 10. In: _____. **Lingua(gem) e lingüística: uma introdução**. Trad. Marilda W. Averborg e Clarisse S. de Souza. São Paulo: LCT - Livros Técnicos e Científicos, 1987. p. 273-299.

MACKEY, W. Texte, contexte et culture. **Langues et linguistique**, n. Spécial, Québec : Université Laval, décembre, 1992.

PAULIN, C. Quelques remarques à propos de lexique et de société – approche comparative français / anglais. **Cahiers de Lexicologie**, 70. Paris : Didier Érudition, 1997-1, p. 161-173.

REY, A. Les écarts culturels dans les dictionnaires bilingües. **Lexicographica**, 2, 1986, Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

SARMENTO, S. Ensino de cultura na aula de língua estrangeira. **Revista virtual de estudos da linguagem – ReVEL**. Ano2, n. 2, 2004 (WWW.revelhp.cjb.net)